



A Auto compreensão da Comunhão Luterana



FEDERAÇÃO
LUTERANA
MUNDIAL

Documento de Estudo

A Autocompreensão da Comunhão Luterana

Documento de Estudo

© Federação Luterana Mundial, 2015

Editor: Departamento de Teologia e Testemunho Público

Desenho e Diagramação: Departamento de Teologia e Testemunho Público
Escritório para Serviços de Comunicação

Foto Capa: FLM/I. Benesch

Conteúdo

Prefácio	5
<i>Martin Junge</i>	
A Comunhão Luterana de Igrejas – Dom e Tarefa	7
O Dom da Comunhão.....	9
A Federação Luterana Mundial vivencia o dom da unidade na comunhão.....	9
A comunhão é um dom	10
O dom da unicidade vivida em unidade e diversidade.....	12
A Tarefa: Discernir e Viver Comunhão	13
Autonomia e rendição de contas/ accountability	13
Decisões compartilhadas.....	15
Divergências na comunhão.....	15
Recursos para tomar decisões responsáveis	17
O evangelho é o núcleo de nossa vida em comunhão.....	17
Palavra e sacramentos são eventos da comunhão	19
A mensagem da cruz cura nossas rupturas	21
A Palavra de Deus cria e afirma unidade e diversidade	22
O evangelho implica liberdade, respeito e tolerância mútua	23
Temas para Reflexão e Debate.....	25

Prefácio

Martin Junge

A Federação Luterana Mundial (FLM) é uma comunhão de igrejas viva e comprometida. Suas igrejas-membro mantêm comunhão de púlpito e altar e somam seus recursos espirituais e materiais para, conjuntamente, participarem da missão de Deus no mundo. Esta comunhão vive porque Deus a chama a ser e a sustenta. Viver juntas como comunhão de igrejas é um dom que lhes foi confiado. Em resposta ao chamado de Deus a FLM comprometeu-se a aprimorar continuamente a comunhão. Sendo dom, a comunhão é algo que recebemos; sendo tarefa, é algo por cuja realização comprometemo-nos a trabalhar. Desde seus inícios, a FLM cresceu de forma palpável em coesão eclesial. Isto pode ser visto em suas estruturas e práticas, nos textos constitucionais e em documentos que regem suas estruturas de governança, como também na maneira como as igrejas se reúnem, trabalham e celebram em conjunto.

À medida que a comunhão luterana vai rumando para o aniversário da Reforma, em 2017, a FLM quer consolidar o significado de ser uma comunhão eclesial a partir da perspectiva luterana. Uma das frases que se tornou marca registrada da eclesiologia luterana é “unidade na diversidade reconciliada”. Em todos os tempos e todos os lugares, as igrejas buscam discernir como vivenciar fielmente a mensagem do evangelho em seus contextos. Participando deste processo, são chamadas a rever e analisar paradigmas culturais, sociais e éticos à luz do evangelho de Jesus Cristo. Respostas apropriadas aos contextos particulares são aspectos importantes que asseguram credibilidade ao testemunho da mensagem do evangelho. Ao mesmo tempo, a responsabilidade de mútua prestação de contas das igrejas que vivem em contextos diferentes é parte do seu compromisso com a catolicidade da igreja de Jesus Cristo.

Em sua reunião de 2013, o Conselho da FLM pediu-me para

convidar as igrejas-membro a participar de processos de reflexão teológica sobre como respeitar a autonomia das decisões das igrejas-membro e expres-

sar as dissensões resultantes e lidar com elas, e, ao mesmo tempo, manter o compromisso de viver e trabalhar conjuntamente, como comunhão de igrejas.¹

O Conselho acolheu e recomendou o documento “Afirmando o dom da comunhão num mundo fragmentado”², parte de minhas reflexões preparatórias para a reunião do Conselho da FLM em 2013. Um grupo de trabalho composto por sete pessoas, representando diferentes regiões e áreas de especialização, foi nomeado pela Reunião de Oficiais em fins de 2013 para iniciar este processo de reflexão conjunta. O grupo de trabalho foi incumbido de redigir um documento de estudo sobre “A Autocompreensão da Comunhão Luterana” a ser apresentado ao Conselho em 2015 e, posteriormente, ser utilizado pelas igrejas-membro. Durante o processo de elaboração, as regiões tiveram oportunidade – nas diferentes reuniões de lideranças, em 2014 e 2015 – de dialogar sobre a compreensão da comunhão.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de manifestar nossa profunda gratidão pelo dedicado labor e empenho dos membros do grupo de trabalho – a saber: Guillermo Hansen, Minna Hietamäki, Allen Jorgenson, Annika Laats, Hance A. O. Mwakabana, Elisabeth Parmentier e En Yu Thu – neste processo que durou dezoito meses. Suas contribuições³ individuais deram voz às diversas expressões e compreensões do conceito de comunhão na FLM.

¹ *Mensagem do Conselho da FLM*, 17 de junho de 2013. (Tradução nossa.) Texto em inglês: www.lutheranworld.org/sites/default/files/Council%202013%20Message%20-%20Gift%20of%20Communion.pdf

² *Conselho da FLM, 2013. Ordem do Dia*. Documento 9.0.1. www.lutheranworld.org/content/council-2013

³ *Entendendo o Dom da Comunhão. Em Busca de uma Autocompreensão Comum da Comunhão Luterana. Um estudo preliminar (2014)*. (Tradução nossa.) Texto em inglês: www.lutheranworld.org/sites/default/files/DTPW-Self-Understanding_Communion-low.pdf

A Comunhão Luterana de Igrejas – Dom e Tarefa

Caminhar juntos como “comunhão” luterana — que significa isso para nosso viver, agir e realizar nossa jornada como igrejas?

De acordo com os ensinamentos luteranos, comunhão é dom e tarefa.⁴ Por ser um dom também nos envolve numa tarefa. Primeiro, nos é dado, para que possamos dar adiante da abundância do que recebemos. A comunhão chega a nascer quando ouvimos a palavra e recebemos os sacramentos — ao nos tornarmos parte do corpo de Cristo revelado por fé e retratado na cruz. O dom desta comunhão está radicado no Deus Triuno.

Sob a perspectiva de “dom”, este documento examina o caráter promissor da Palavra de Deus para nós. O Deus de Jesus Cristo dirige-se a nós sob forma de promessa e, assim, permite-nos receber o evangelho de várias maneiras, e nos desperta para a diversidade como um dom em si. Este dom, no entanto, é também uma tarefa. Quem ouvir, ver, sentir, degustar e cheirar o evangelho abraça a tarefa de seguir a Cristo. Isto compreende caminhos de diversidade em meio à unidade. Este evangelho não é projeto nosso, mas nos projeta para dentro do mundo por causa do amor, por causa de Deus.

Cada igreja-membro já está internamente envolvida neste diálogo, ciente de que a fidelidade ao evangelho exige clareza sobre sua mensagem e suas consequências para a vivência da fé. O objetivo deste texto é articular, entre as igrejas-membro da FLM, as afirmações de fé compartilhadas que são relevantes e vitais em todos os tempos e, especialmente, em momentos de divergência na comunhão, a fim de encontrar estratégias para discernir nossa vida em conjunto.

⁴ “Mas a igreja não é apenas sociedade de coisas externas e ritos, como acontece em outros governos, senão que é, principalmente, sociedade de fé e do Espírito Santo nos corações...” Cf. Artigos VII e VIII (5), de *Apologia da Confissão de Augsburgo*, in: LIVRO DE CONCÓRDIA. *As Confissões da Igreja Evangélica Luterana*, 6. ed., Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra, 2006, p. 177 (5).

O Dom da Comunhão

A Federação Luterana Mundial vivencia o dom da unidade na comunhão

A primeira constituição da Federação Luterana Mundial (FLM), aprovada na Assembleia de 1947, em Lund, definiu a FLM como “uma livre associação de igrejas” que “não terá poder de legislar sobre as igrejas a ela filiadas ou de limitar-lhes a autonomia, mas atuará como seu agente em assuntos que elas lhe atribuírem”.⁵

Na Assembleia de Budapeste, em 1984, as igrejas-membro, que juntas haviam enfrentado muitas dificuldades e aprofundado o seu compromisso mútuo, adotaram uma declaração sobre a “Autocompreensão e Tarefa da Federação Luterana Mundial”⁶ (Tradução nossa.) Com referência ao Artigo VII da Confissão de Augsburg, a declaração afirma:

Esta comunhão luterana de igrejas encontra a sua expressão visível na comunhão de púlpito e altar; no testemunho e serviço comuns; no cumprimento conjunto da tarefa missionária, e na abertura à cooperação, ao diálogo e à comunhão ecumênicos. As igrejas luteranas do mundo consideram sua comunhão uma expressão da una, santa, católica e apostólica igreja. Assim, elas estão comprometidas a trabalhar pela manifestação da unidade da igreja dada em Jesus Cristo.⁷

A FLM foi então definida como

expressão e instrumento desta comunhão. Ela ajudará a comunhão luterana a tornar-se cada vez mais uma comunhão conciliar de membros mutuamente comprometidos, através de consulta e intercâmbio entre suas igrejas-membro

⁵ Artigo III.1, tradução nossa da Constituição da Federação Luterana Mundial (tal como adotada pela Primeira Assembleia, em Lund, Suécia, 1947). Cf. (em inglês) SCHJORRING, Jens Holger; KUMARI, Prasanna; HJELM, Norman A. (eds.). *From Federation to Communion. The History of the Lutheran World Federation*. Minneapolis: Fortress Press, 1997, p. 527. Em português está disponível apenas a versão da Constituição aprovada em Arusha/Tanzânia, em 17-07/1965.

⁶ MAU, Carl H. (ed.). *Budapest 1984. Em Cristo – Esperança para o Mundo*. Relatório Oficial da Sétima Assembleia da Federação Luterana Mundial. (Tradução nossa.) Texto inglês em: LWF Report No. 19/20. Geneva: The Lutheran World Federation, 1985, 176.

⁷ Ibid. (Tradução nossa.)

e outras igrejas de tradição luterana, e através do fomento à participação recíproca em momentos de alegrias, sofrimentos e dificuldades.⁸

A história da FLM é resposta ao dom da comunhão. Já no início do século XX, algumas igrejas luteranas tomaram a iniciativa de encontrar-se, em níveis local e internacional, pois representavam a mesma tradição confessional. Podem-se distinguir dois momentos da comunhão que nascia: um momento, de responder em conjunto às necessidades humanitárias graves e prementes que não podiam ser ignoradas e nem ser tratadas por uma igreja sozinha; e um segundo momento, de discussão interna e de esclarecimentos sobre o pensamento das igrejas. A constituição da FLM tem funcionado como um texto relativamente estável, que não só serviu de orientação, mas também foi se ajustando em resposta à autocompreensão da comunhão que evoluía.

A Assembleia de 1990, em Curitiba, definiu mais precisamente o compromisso mútuo nesta comunhão de igrejas:

A Federação Luterana Mundial é uma comunhão de igrejas que confessam o Deus Triuno, que são concordes na proclamação da Palavra de Deus e que estão unidas em comunhão de púlpito e altar.⁹

Este desenvolvimento de federação para comunhão reflete um entendimento crescente de associação eclesial.¹⁰ O conceito de “comunhão” baseia-se na noção bíblica de *koinonia* e pertence à herança de todas as igrejas cristãs.¹¹

A comunhão é um dom

De acordo com o Novo Testamento, comunhão/*koinonia* aponta para o significado da “comunhão dos santos” como sendo a comunhão dos crentes que compartilham Palavra e sacramentos, adoração e oração, e os dons de Deus.

⁸ Ibid. (Tradução nossa.)

⁹ Artigo III. (Tradução nossa.): <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Constitution%20EN%20final.pdf>

¹⁰ No passado, por exemplo, uma igreja no hemisfério sul poderia ter uma relação com uma sociedade missionária ou algum departamento de uma igreja no hemisfério norte, mas não com a igreja como um todo.

¹¹ Cf. REUMANN, John. *Koinonia na Escritura: Estudo de Textos Bíblicos*. (Tradução nossa.) Texto inglês em: BEST, Thomas F.; GASSMANN, Günther (eds.). *On the Way to Fuller Koinonia: Official Report of the Fifth World Conference on Faith and Order*, Faith and Order Paper No. 166. Geneva: WCC Publications, 1994, p. 37–69; ROSSING, Barbara. *Modelos de Koinonia no Novo Testamento e nos Inícios da Igreja*. (Tradução nossa.), Texto inglês em: HOLZE, Heinrich (ed.). *The Church as Communion. Lutheran Contributions to Ecclesiology*, LWF Documentation 42/1997. Geneva: The Lutheran World Federation, 1997, p. 65–80.

O conceito de Paulo sobre *koinonia* mostra a formação de um corpo com relações baseadas no convite do evangelho e na comunhão de mesa. Em 1 Coríntios 10.16 e 1 Coríntios 11.23 – 25, o corpo e o sangue de Jesus Cristo, em e através do pão e do vinho no sacramento, se tornam fundamentais para demonstrar e acentuar o que significa *koinonia*. O fato de pessoas de diferentes origens comerem juntas significava participação em Jesus Cristo e implicava em novas relações de uns com os outros. O rompimento de fronteiras étnicas, que normalmente estariam dividindo os diferentes membros da *koinonia*, é demonstrado na maneira como Paulo enfrenta o partido de Pedro por discriminar os gentios (Gálatas 2). Podemos também observar que mais tarde, em Atos, a comunhão hebraica e helenista “perseverava(m) na doutrina dos apóstolos e na comunhão [*koinonia*], no partir do pão e nas orações” (At 2.42).

A noção de comunhão de altar e púlpito, na FLM como comunhão de igrejas, se origina neste critério básico da tradição apostólica, ou seja, no mútuo aprendizado e no compartilhar dos sacramentos.¹² Neste contexto, as diversas necessidades do outro se tornam patentes, e daí a necessidade de estabelecer estruturas para atendê-las de forma mais justa e equitativa (At 2.44-47; 4.33). *Koinonia*, portanto, é apresentada na Bíblia como uma ação de Deus que move as pessoas para Deus e de umas para as outras e que, de maneira especial, resulta em atender a necessidades na manutenção da vida.

Tornar-se comunhão é um dom para as igrejas.

A comunhão com Cristo se realiza através da pregação do evangelho, que desperta a fé e é abraçada pela fé, e através dos sacramentos, que fortalecem a fé e são recebidos por fé.¹³ (Tradução nossa.)

Esta comunhão com Cristo através da fé e pela participação em sua obra de salvação implica uma profunda solidariedade com o outro e, intrinsecamente, inclui a partilha de recursos materiais e espirituais. Além disso, impulsiona o compromisso mútuo e a ação conjunta. A comunhão passa a ser vivida

não [numa] uniformidade coagida e prescrita. Realiza-se numa variedade de formas. Vive e trabalha através da multiplicidade de dons recebidos e da variedade de tarefas que se lhes apresentam.¹⁴ (Tradução nossa.)

Em tudo isso, a comunhão

¹² Cf. A CONFISSÃO DE AUGSBURGO – Artigo VII: *Da Igreja, op. cit.* (ver nota 4), p. 66.

¹³ *Communio/Koinonia. A New Testament Early Christian Concept and its Contemporary Appropriation and Significance.* A Study by the Institute for Ecumenical Research, Strasbourg, 1990, p. 8s.

¹⁴ *Ibid.*, p. 10.

olha para além de si mesma. Vive de sua comunhão com o Senhor, que é Senhor e Salvador de toda a criação, e a ele serve como sinal e instrumento para a salvação do mundo.¹⁵ (Tradução nossa.)

Esta é a unidade que compartilhamos. A comunhão da Federação Luterana Mundial baseia-se na realidade teológica da unicidade em Cristo.

O dom da unicidade vivida em unidade e diversidade

A compreensão básica da igreja como comunhão inclui a noção de que a unidade existe em meio a diferenças. Viver em unidade é o resultado da ação do Espírito de Deus entre nós em resposta à oração de Jesus “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também eles em nós” (Jo 17.21), o que fortalece nossas relações de igrejas luteranas e com outras igrejas no mundo. Os diálogos ecumênicos proporcionaram oportunidades para as igrejas luteranas discernirem sua compreensão comum de ser uma comunhão. Em diálogo com seus parceiros ecumênicos, as igrejas-membro da FLM passaram a descrever a forma da comunidade como unidade em visibilidade, em diversidade e dinamismo.¹⁶ Comunhão precisa de tornar-se historicamente manifesta, visível e reconhecível para o mundo.

Nossa comunhão se faz visível através da Palavra e dos sacramentos e é celebrada com parceiros quando juntos servimos aos outros. Na FLM, o amor incondicional de Deus se manifesta na colaboração com outros, ao servirmos aos necessitados. Como luteranos chamamos isso de diaconia, que é parte integrante da nossa identidade e nos unifica na vida da comunhão.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Cf. *Maneiras de ser comunidade. Comissão Conjunta de Diálogo Luterano – Católico Romano*, 1980. (Tradução nossa.) Texto inglês em: www.prounione.urbe.it/dia-int/l-rc/doc/e_l-rc_way.html - §§ 32-41.

A Tarefa: Discernir e Viver Comunhão

Autonomia e rendição de contas/ accountability

Para ser membro da FLM, uma igreja precisa aceitar formalmente a base doutrinária da mesma, ser uma instituição “autônoma” e consistir de mais de uma congregação.¹⁷ Este entendimento de membresia está bem de acordo com a definição da FLM como uma “federação”. Reflete a tendência das organizações internacionais no momento da sua criação de identificarem-se como instituições constituídas por comunidades independentes que concordam em trabalhar juntas para um mesmo propósito. Até à Assembleia da FLM em 1990, em Curitiba, este conceito serviu bem à FLM. Mas as igrejas descobriram que o conceito de autonomia deve ser entendido à luz da compreensão que se desenvolvia no sentido de ser ambas as coisas — autônoma e ao mesmo tempo responsável por prestar contas à comunhão. Isto implica em compromisso mútuo e relações variáveis de responsabilidade recíproca. Cada vez mais, as igrejas-membro reconheceram que a responsabilidade básica de prestar contas caracteriza nossos relacionamentos mútuos e nossas identidades.¹⁸

O falar de Paulo sobre a igreja como um corpo é outra maneira de expressar como a responsabilidade mútua da rendição de contas pode ser concebida (1Co 12.12-31). Também estamos cientes da importância do “relacionamento” para falar da igreja como povo de Deus e templo do Espírito (1P 2.9; 1Co 6.19). Autonomia, portanto, não é entendida como independência estanque, mas como uma autorrealização em interdependência no tocante ao convívio com as outras igrejas. Nesse sentido, autonomia e mútua rendição de contas são inseparáveis.

A realidade que nos molda é a de sermos uma comunhão em que as comunidades são fortemente afetadas por suas interações de umas com as outras e com seus contextos. Estas relações são definidas pela mútua responsabilidade – *accountability*. A liberdade que define a tarefa de ser uma

¹⁷ Regimento interno da FLM, 2.2.1. Texto inglês em: <https://www.lutheranworld.org/sites/default/files/Bylaws%20EN%20final.pdf>

¹⁸ Cf. *A Igreja, Rumo a uma Visão Comum*. Documento 124 de FÉ E ORDEM. Genebra: Conselho Mundial de Igrejas, 2013, p. 10: “A noção bíblica de *koinonia* tornou-se central na busca ecumênica de um entendimento comum da vida e da unidade da igreja.” (Tradução nossa.)

comunhão de igrejas é uma liberdade de estar a serviço do outro e junto com o outro. Somos responsáveis para com quem servimos. O fato de estarmos vinculados um ao outro, paradoxalmente, não resulta em destruição da liberdade, mas em sua mais plena expressão. Juntos, uns com os outros, crescemos no testemunho do evangelho, o qual nos liberta para o próximo. Nossos corações se regozijam quando igrejas-irmãs florescem, e se entristecem quando sofrem (1Co 12). Por causa deste relacionamento, membros da comunhão são afetados de várias maneiras por ocorrências e decisões feitas por outros na mesma comunhão.

Assim como somos chamados a prestar contas da esperança que está em nós (1Pe 3.15), também somos responsáveis pelos nossos contextos e pelos demais membros da comunhão. Desta maneira, sabemos que nossa responsabilidade para com outras igrejas também deve levar em conta os contextos socioculturais e a responsabilidade para com o meio ambiente.

A vida teológica e espiritual da comunhão se desdobrou de várias formas, sendo influenciada por fatores políticos, históricos, geográficos e culturais. Estes incluem, por exemplo:

- A relação com o estado ou com o governo e as consequentes condições exteriores para as igrejas;
- Questões relacionadas com a situação de minorias e maiorias nos contextos locais e na família da FLM;
- A expansão das igrejas luteranas por atividades missionárias e por migrações forçadas ou voluntárias;
- Mudanças nas condições sociais e políticas;
- Mudanças na concepção da pessoa humana;
- Atenção às questões ambientais;
- Os mais recentes desenvolvimentos tecnológicos para viagens, meios de comunicação e informação;
- As relações ecumênicas e inter-religiosas.

Além do mencionado anteriormente, as igrejas da comunhão são instituições com governo próprio e estão sujeitas a constituições legais. As normas de cada igreja regulam os diversos aspectos da sua vida, tais como, quem é habilitado a receber a comunhão ou a ser ordenado/a ao ministério. Os di-

ferentes princípios expressos nas regulamentações internas de uma igreja refletem tanto uma compreensão teológica como condições locais. Ambas são mediadas culturalmente.

Um dos sinais do compromisso da FLM de viver em comunhão é que suas várias expressões busquem reconhecimento mútuo. Contudo, interpretações teológicas e expressões institucionais podem tanto facilitar como dificultar o reconhecimento mútuo.

Decisões compartilhadas

Como comunhão, as igrejas-membro da FLM necessitam de mecanismos para tomar decisões conjuntas. Algumas formas de tomada de decisões conjuntas já existem no tocante a preocupações e responsabilidades compartilhadas.¹⁹ Os grêmios institucionais da FLM que tomam decisões conjuntas incluem a Assembleia, o Conselho e a Reunião de Oficiais. Também as igrejas-membro têm tomado decisões conjuntas sobre relações ecumênicas, como, por exemplo, aprovando a *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação*, em 1999, ou quando a Assembleia decidiu expressar publicamente à Conferência Mundial dos Menonitas, em 2010, seu profundo pesar e tristeza sobre a perseguição aos anabatistas por autoridades luteranas, especialmente porque os reformadores luteranos haviam justificado teologicamente esta perseguição.

Há necessidade de melhor desenvolver procedimentos de consulta mútua em matéria de tomadas de decisão nas igrejas-membro que possam afetar as relações na comunhão. Consulta mútua pressupõe um tempo adequado para reflexão, e subentende que todos os envolvidos se sintam ouvidos e respeitados em seus pontos de vista, mesmo quem esteja em desacordo.²⁰

Divergências na comunhão

Como membros da mesma comunhão, as igrejas começaram a se perguntar como tratar de divergências na comunhão de uma forma crítica, mas construtiva. Aliás, o compromisso de proceder assim já constitui, em si, um testemunho do poder do amor divino em meio a um mundo onde as diferenças tantas vezes resultam em rupturas e facções antagônicas.

¹⁹ Exemplos dessas preocupações conjuntas englobam assuntos como mudanças climáticas, relações ecumênicas e ajuda humanitária.

²⁰ Cf. Texto inglês em: www.oikoumene.org/en/resources/documents/assembly/2006-porto-alegre/3-preparatory-and-background-documents/guidelines-for-the-conduct-of-meetings-of-the-wcc

A diversidade é um saudável reflexo da nossa fé comum e da fidelidade ao evangelho. No entanto, existem determinadas diferenças que levam a desentendimentos que podem tornar-se prejudiciais à comunhão. Afinal, o que constitui um obstáculo para a vida compartilhada na comunhão? Que critérios podem ajudar a distinguir diferenças aceitáveis e não aceitáveis?

Na seção a seguir propõem-se recursos para uma resposta a tais perguntas. Espera-se que eles sirvam à família da FLM e ajudem a enfrentar a realidade de diferenças e divergências agora e no futuro. Entre importantes desafios atuais, as igrejas da comunhão se confrontam com as questões de família, matrimônio e sexualidade. Enquanto algumas igrejas tomaram posições oficiais nesta área, outras não o fizeram. E ainda há aquelas igrejas que ainda estão em processo de decisão sobre como melhor lidar com esta matéria. Em 2007, o Conselho da FLM acolheu o documento “Diretrizes e processos para um diálogo respeitoso”, que visa ajudar as igrejas-membro neste processo. Seu prefácio diz que, sendo a FLM uma comunhão de igrejas, “nenhuma igreja-membro pode ignorar as questões ou considerar o assunto concluído (de uma maneira ou de outra) enquanto alguma igreja-irmã ainda estiver tendo dificuldades com o mesmo”.²¹ (Tradução nossa.)

A existência de questões controversas na FLM não é nova. No passado, algumas crises até contribuíram para a transformação da Federação numa Comunhão.²² Na atualidade, os pontos de tensão vêm à tona quando o que para algumas igrejas parecem ser temas ético-sociais ou decisões pastorais, outras as consideram questões doutrinárias. Para ambos, no entanto, são questões de fidelidade ao evangelho. Considerando as controvérsias atuais, tais como a ordenação de pessoas de orientação homossexual e a bênção de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, algumas igrejas abordam estas questões sob a perspectiva pastoral da inclusividade, enquanto outras afirmam que a tomada de tais decisões pode ameaçar a integridade da comunhão. Por esta razão, não deveríamos qualificar estes assuntos somente como “ético-sociais”, mas também como questões da ordem e disciplina na igreja e que como tais desempenham um papel na proclamação do evangelho.

Uma primeira análise deveria ser dedicada ao peso do tema da discórdia: prejudica o fundamento da pregação e do ensino luteranos? Ou está relacionado com pré-compreensões culturais e sociais? Para a teologia da Reforma, o conceito de *adiáphora* foi empregado para questões pertinentes a

²¹ *Matrimônio, Família e Sexualidade Humana: Proposta de Diretrizes e Procedimentos para um Diálogo Respeitoso*. Porto Alegre, FLM/IECLB, 2008, p. 7.

²² Uma importante referência histórica neste sentido é o envolvimento da FLM no tema *apartheid* na África do Sul. Respondendo a esta situação, a comunhão tomou decisões que lhe deram certa “densidade eclesial”. Isso não foi entendido de forma burocrática (como se a FLM fosse uma “superigreja”), mas teve o sentido de ser uma expressão de si mesma, da totalidade da igreja luterana em âmbito global, como uma rede de igrejas.

tradições humanas, ritos e cerimônias, e então se demarcou um espaço para diferenças aceitáveis.²³ No entanto, determinadas situações, e até assuntos considerados por alguns como adiáfora, podem receber tal importância que as igrejas não podem permanecer indiferentes.²⁴ É tarefa dos membros da comunhão abordar seriamente estas questões, de forma teológica saudável, por causa da nossa fidelidade comum ao evangelho e da parceria na comunhão.

Este processo de engajar-se em discernimento teológico necessita ser elaborado e esclarecido.

Recursos para tomar decisões responsáveis

À luz das complexas questões vividas pela comunhão, voltamo-nos novamente para as dádivas no coração da nossa identidade. Expomos a seguir alguns dos recursos que podem orientar a comunhão na tarefa de discernir como conviver em meio à diversidade. Estes seguem numa estrutura que começa com a Palavra como o dom central a constituir nossa identidade.

O evangelho é o núcleo de nossa vida em comunhão

Nossa convicção

O núcleo unificador da nossa fé cristã e das nossas confissões luteranas é a salvação em Jesus Cristo por graça, mediante a fé, testemunhada nas Escrituras que revelam o amor incondicional de Deus por nós (Ef 2.8). Nenhuma outra tradição ou prescrição humana pode substituir o fundamento deste dom da graça em Jesus Cristo.

A convicção comum a todas as igrejas da nossa comunhão é que a realidade e o dom da graça justificadora de Deus é o fundamento da fé e da vida cristã, e que a prática cristã e as “boas obras” resultam da fé que vê na graça a fonte da unidade (Gl 3.25-29). Esta unidade é criada pela Palavra que constitui a igreja como o corpo visível de Cristo. Os ouvintes da Palavra são chamados para a realidade desta nova criação (2Co 5.16-21).

Os reformadores insistiram em que, para compreender a nova relação que Deus estabelece conosco, devemos distinguir dois aspectos da ação Deus.²⁵ Não é que Deus tenha uma mente ambivalente, mas nós estamos divididos

²³ A CONFISSÃO DE AUGSBURGO – *Artigo VII: Da Igreja, op. cit.* (ver nota 4), p. 66 (2-4).

²⁴ Declaração Sólida, Artigo X: *De Praxes Eclesiásticas Chamadas Adiaphora ou Coisas Indiferentes*, in: LIVRO DE CONCÓRDIA, (conforme referido na nota 4), p. 654.

²⁵ Ver: LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 8. ed., 2012, p. 8ss.

por dois campos opostos de forças que nos fazem ouvir a voz de Deus de forma diferente — por um lado, como testamento exigindo conformidade com leis morais externas e, por outro lado, como promessa de renovar toda a nossa existência pelo dom de uma nova identidade em Cristo. A garantia da promessa fundamental de Deus só pode ser abraçada e vivida na consciência e experiência daquilo que Deus nos chama a ser em meio às vãs tentativas de cumprir a lei de Deus.

As histórias bíblicas nos falam através de múltiplas vozes, gêneros e estilos. Elas falam realisticamente sobre o que somos, sobre o que fizemos e, esperamos, sobre o que somos chamados a ser — o que é possível quando Deus nos toca corações, corpos e mentes. Por exemplo, os bons mandamentos de Deus são seu chamado facultando-nos, em meio ao medo e à tentação, a perceber a nossa humanidade a partir da relação autêntica com Deus e com o próximo e com todas as demais formas de vida. Mesmo que o conteúdo do mandamento divino seja sempre o amor, os mandamentos transformam-se em lei insuportável no encontro com vidas curvadas sobre si mesmas. Estas vidas desdenham da justiça, misericórdia e compaixão de Deus. São vidas alérgicas à opção preferencial de Deus por pecadores, estranhos e sofredores.²⁶ Tais vidas não se alegram com a boa nova do abraço misericordioso de Deus ao excluído. Em vez disso, procuram justificar a própria existência por apontar o “pecador”, para julgá-lo e condená-lo, e assim provar a própria superioridade e eleição. Pela fé, porém, nossas vidas são alicerçadas num fundamento fora de nós mesmos – nossas vidas são fundamentadas em Cristo. Viver pela graça através da fé significa que nossa vida está fora de nós mesmos, e para muito além de nosso alcance ou capacidade.²⁷ Nossa vida se torna unida com esse outro, esse estranho, com Aquele que nos chama a confiar em Deus e amar e praticar a justiça em relação ao próximo.²⁸ O mistério posto pelas Escrituras é que uma pessoa só pode estar em unidade consigo mesma quando veste o seu ego com Cristo e com as necessidades do próximo. Revestidos por Deus e pela necessidade do próximo tornamo-nos quem somos chamados a ser, seres verdadeiramente humanos.

Para discussão

Embora a justificação se dê pela graça mediante a fé, e a nossa unidade seja fundamentada na ação divina, as igrejas podem eventualmente tomar

²⁶⁰ *Debate de Heidelberg, 1518*. In: LUTERO, Martinho. *OBRAS SELECIONADAS*, vol. 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra. 2. ed. 2004, p. 53: “Pois os pecadores são belos por serem amados, e não são amados por serem belos.”

²⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *A História e o Bem*. In: *ÉTICA*. São Leopoldo: Faculdades EST/Ed. Sinodal, 10. ed. 2013, p. 137ss.

²⁸ LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 8. ed., 2012, p. 47.

decisões que tornam mais difícil vivenciar comunhão, entristecendo assim o Espírito Santo de Deus (Ef 4.30). Mesmo que boas obras não sejam a condição para a justificação, somos responsáveis por um testemunho confiável ante nosso próximo e outros, e somos obrigados a ajudar um ao outro a agir de acordo com nossa fé cristã em tempos de mudança. Contudo, as questões contextuais exigem que as igrejas sempre distingam entre lei e evangelho em resposta às necessidades pastorais e às realidades políticas, e isto pode levar igrejas a tomarem decisões que outras igrejas podem não entender.

Os membros da comunhão deveriam ser capazes de discordar da decisão de outro sem necessariamente ameaçar a unidade da comunhão. Isto tanto mais é verdade quando se leva em conta que tal decisão não tenha comprometido a afirmação comum da fé justificadora. Mas como nem sempre é fácil para igrejas em seus contextos específicos entenderem as considerações pastorais de outros contextos, é útil que os membros da comunhão se mantenham mutuamente informados sobre como estão procurando permanecer fiéis ao evangelho, mesmo nas respectivas exigências contextuais.

Palavra e sacramentos são eventos da comunhão

Nossa convicção

Na Confissão de Augsburg (CA) se afirma que a igreja está ali onde “o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente”.²⁹ De acordo com CA VII, é suficiente (*satis est*, basta) para a igreja verdadeira e sua unidade que preguemos o evangelho e celebremos os sacramentos corretamente. Deus promete que tal igreja irá durar para sempre.³⁰ Esta descrição da igreja está em acordo com o pensamento de que o evangelho que é feito carne é recebido através dos sentidos humanos. Não há nenhuma recepção imediata, extraordinária, do evangelho. Podemos ouvir, ver, sentir, saborear e cheirar o evangelho através dos nossos sentidos comuns. Deus usa o ordinário para fazer o extraordinário, e assim afirma que a criação é boa (Gn 1.31). Com efeito, Lutero fala do caráter da criação contínua, e assim nos permite compreender que a emanação de bondade é um atestado de afirmação contínua da diversidade.³¹ Esta diversidade é em si um reflexo da criação e de sermos feitos à imagem de Deus (Gn 1.27; Sl

²⁹ *Confissão de Augsburg – Artigo VII: Da Igreja*. In: LIVRO DE CONCÓRDIA (cf. referido na nota 4), p. 66 (1).

³⁰ *Apologia da Confissão de Augsburg – Artigos VII e VIII: Da Igreja*. Ibd. p. 178 (9).

³¹ LUTERO, Martin. Original alemão: *D. Martin Luthers Werke*. Weimar: Böhlau, vol. 39/II, 1883-1993, p. 293.

8). Recebemos Deus diversamente, porque Deus se dirige a nós de diversas maneiras.

Somos uma comunhão de igrejas unidas através de Palavra e Sacramento. Isso nos une num sentido mais profundo do que quaisquer normas constitucionais. [...] Quando e onde nos reunimos em congregações locais para ouvir a Palavra e celebrar os Sacramentos, somos lembrados que o fazemos como parte da comunhão dos santos em todo o mundo. Esta comunhão mais ampla deve significar para nós muito mais do que uma realidade abstrata e sem rosto. Temos de ser capazes de tocar, ouvir, sentir o gosto e experimentar em primeira mão esta realidade. Pela graça de Deus nos é possível, em solidariedade, compartilhar nossas dores e alegrias, nossas cargas e nossos dons.³²

Nós que somos amados sabemos que o amor não só olhou por nós, mas também nos abraçou. O batismo é dom divino e nossa vestimenta cotidiana.³³ Cada dia o eterno toca o tempo, assim que o ordinário é ajustado ao extraordinário. Naturalmente, isto é verdadeiro tanto para a comunhão como para o indivíduo, pois o batismo é um dom dado tanto à igreja como a seus membros. Dia a dia, a igreja está sendo refeita à imagem Daquele crucificado que vive doando seu ser divino para o bem do mundo, no qual também nós estamos incluídos (Fp 2.5-11). O batismo é o evento em que somos esvaziados para podermos ser eco da voz divina.³⁴

A igreja luterana também confessa que a igreja de Jesus Cristo se torna no que ela come e bebe na Ceia do Senhor. A Santa Comunhão é nossa união com Cristo e com os santos (1Co 11.17-34). No entanto, certa assimetria envolve esta união. Não nos tornamos Cristo em nossa participação na ceia; tornamo-nos o corpo de Cristo na ceia. Cristo permanece sendo a cabeça do corpo, porque Palavra e Sacramento continuam sendo os meios pelos quais Cristo governa a igreja. A Santa Ceia é o meio pelo qual a igreja se constitui como corpo, e um corpo é apenas um corpo na medida em que é diversificado. Este corpo partido chamado igreja é um povo à mesa provando que o Senhor é bom; nossa conversa à mesa da ceia, agora oração, eleva-se para o Senhor do banquete; nossa oração agora é um aroma tão rico e tão variado quanto os odores que sobem das mesas de todo o mundo (Sl 141.2). Nós somos diversos, mas diversidade é parte do mistério da nossa

³² NOKO, Ishmael. *Por que a Comunhão Luterana se reúne em Assembleia* (tradução nossa). Texto inglês em: *LWF Tenth Assembly Update No 1*, March 2002, 1–2. www.yumpu.com/en/document/view/35561769/first-assembly-update-lwf-tenth-assembly-2003 - Cf. Gl. 6.1.

³³ *Catecismo Maior – [Quarta Parte] Do Batismo*. In: LIVRO DE CONCÓRDIA, op. cit., p. 485 (84).

³⁴ LUTERO, Martim. *Salmo 90*. (Tradução nossa.) Texto inglês em: Jaroslav Pelikan (ed.), *Luther's Works*, vol. 13. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1956, p. 119.

salvação (Rm 12. 3-8). Fomos justificados, e nossa justificação não só valida a diversidade, mas a produz.

Para discussão

Em determinadas regiões da FLM há pessoas que desejam o batismo, mas só podem realizá-lo a custos consideráveis para si mesmas ou seus entes queridos. A comunhão deve reconhecer a fidelidade destas pessoas, mesmo que estejam impedidas de serem batizadas.

A história da FLM mostrou que é na mesa do Senhor que o conflito e a divisão aparecem entre os batizados. Por ser o culto sinal e expressão da nossa salvação, o fato de podermos celebrar o culto e compartilhar a eucaristia juntos, como um corpo de crentes, demonstra nossa comunhão. Quando não somos capazes de celebrar juntos, nossa comunhão está prejudicada.

A mensagem da cruz cura nossas rupturas

Nossa convicção

A igreja é, acima de tudo, a igreja da cruz que sempre está sendo ensaiada em nossas vidas (1Co 1.18 – 25). Lutero lembra-nos que, onde quer que vejamos a cruz ou ouçamos o grito da cruz, ali está a igreja.³⁵ Isto também é verdadeiro em relação à Oração do Senhor.³⁶ Porque a igreja sob a cruz ora fervorosamente rogando a Deus pelas necessidades de cada dia para o mundo; ansiando pela erradicação do mal, pois a vontade de Deus é ativada no mundo ao santificarmos o nome divino (Mt 6.9-13). Esta oração é feita em volta da cruz sagrada, e cada petição esboça a cruz sob diferentes pontos de vista, para que saibamos que cada dia de pão é um dia de oração, um dia de graça, de fé, de salvação.

Mas acima de tudo, a vida da igreja é um evento de salvação: de graça, evocando a fé para que este pequeno rebanho de amados seguidores ouça a voz do seu pastor (Jo 10.27), vislumbrando em lugares inesperados as cruces traçadas nas frentes – visíveis tão somente pela fé.³⁷ Nós confessamos a igreja como sendo uma comunidade tocada por santidade contagiosa, para que exploremos nosso perdão como mandato divino para tocar o intocável. Ao tocar o fragmentado descobrimo-nos transformados, pois recebemos uma

³⁵ LUTERO, Martim. *Sobre os Conflitos e a Igreja, 1539*. (Tradução nossa.) Texto inglês em: Helmut T. Lehmann (ed.), *Luther's Works*, vol. 41. Philadelphia: Fortress Press, 1966, p. 165.

³⁶ *Ibid.*, p. 164.

³⁷ LUTERO, Martim. *Sermões sobre o Evangelho de João*. (Tradução nossa.) Texto inglês em: Jaroslav Pelikan (ed.), *Luther's Works*, vol. 23. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1959, p. 334.

vocação profética que desafia a sabedoria do mundo, recusando tanto os conservadorismos como os liberalismos, pois ambos ignoram o evangelho e seu chamado para a solidariedade com os rejeitados.

Para discussão

A igreja sob a cruz é uma igreja que reconhece a diferença entre humildade saudável e perigosa. Historicamente, o tema da cruz também foi usurpado para oprimir, e privar outros de sua voz. Pessoas marginalizadas por causa de raça, sexo, status ou classe não deveriam ouvir a mensagem da cruz como legitimação de sua opressão, mas como uma afirmação da solidariedade de Deus com elas e do acompanhamento no processo de sua libertação, que é a história de Deus com elas. A consciência deste Deus que nos liberta ao andar do nosso lado gera em nós uma humildade saudável, que vive com corações, mãos e mentes abertos.

A Palavra de Deus cria e afirma unidade e diversidade

Nossa convicção

A Palavra de Deus, mediada pelas Sagradas Escrituras, é a fonte da comunhão eclesial, e da vida, da esperança e do credo da igreja. O testemunho das Sagradas Escrituras não é monocórdio, mas é um coro de muitas vozes diferentes. A diversidade, portanto, é asseverada nas Escrituras (Gl 2.7-10). Por isso, é essencial estar ciente da ampla variedade de expressões contidas na Bíblia, ao invés de concentrar-se em uma seleção restrita de textos.

Esta diversidade é harmonizada através do núcleo comum nas Escrituras: todas as igrejas luteranas afirmam a autoridade básica das Escrituras interpretadas através da chave hermenêutica do evangelho da graça libertadora dada em Jesus Cristo. Ademais, aqueles que seguem Jesus também se veem confrontados com as perguntas fundamentais que as pessoas estão fazendo em seus contextos, porque Jesus nos envia para o mundo (Mt 28.18-20). Além disso, como podemos ler nas Escrituras, fazemo-lo cercados por uma nuvem de testemunhas a nos olhar por cima dos ombros (Hb 12.1-2), e levamos suas vozes a sério, assim como as vozes daqueles de fora da comunhão luterana. Enquanto fundamentada em Cristo, esta leitura polifônica das Escrituras permite uma pluralidade de possibilidades interpretativas, e não ignora que o comprometimento sincero com os outros também pode significar a descoberta de pontos de desacordo, alguns mesmo profundos.

Para discussão

As igrejas estão buscando maneiras confiáveis de lidar com os conflitos de interpretação das Escrituras em relação à vida diária. Como podemos entender corretamente os textos bíblicos em seu próprio contexto histórico, e como aplicá-los em contextos contemporâneos de forma que permaneçam fiéis e relevantes? Como fazer isto ao abordar assuntos atuais que não existiam nos tempos bíblicos (por exemplo, questões bioéticas advindas com os avanços tecnológicos)?

Por vezes, as profundas dissensões na interpretação bíblica parecem estar ligadas a contextos confessionais ou geográficos, enquanto na verdade também podem refletir divergências internas resultantes de diferentes orientações hermenêuticas. Cada igreja deve ser capaz de explicar por que e como os argumentos bíblicos são usados na discussão. Como comunhão de igrejas que busca um testemunho comum no mundo, continuamos no empenho comum para explorar formas de interpretação bíblica que sejam mutuamente animadoras.

O evangelho implica liberdade, respeito e tolerância mútua

Nossa convicção

Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém.

Um cristão é um servo prestativo em todas as coisas e está sujeito a todos.³⁸

Liberdade evangélica é liberdade dimensionada pelo serviço, reconhecendo-se que os seres humanos nunca experimentam liberdade absoluta. Por isso, enquanto igrejas são autônomas na medida em que se governam a si mesmas, liberdade não pode ser construída isolada do compromisso com o próximo e com o meio ambiente (Lc 10.25-37). Às vezes, o próximo toma decisões que nós não nos sentimos livres para tomar. Em tais situações, as igrejas podem ser chamadas a tolerar-se mutuamente, respeitando as diferentes escolhas como expressões da própria liberdade. Esta condescendência para com o outro e o respeito mútuo implicam duas coisas: por um lado, não precisamos sustentar aquela decisão como nossa própria (Gl 5.1); por outro lado, podemos suportar-nos mutuamente na medida em que somos capazes de fazê-lo.

Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão. Eu sei e estou persuadido,

³⁸ LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 8. ed., 2012, p. 7.

no Senhor Jesus, de que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura [...] Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros [...] A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova. [...] Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para a edificação. (Rm 14.13-14, 19, 22; 15.1-2)

Ao colocarmos em prática a liberdade em nossos próprios contextos, é inevitável que surjam divergências. Quando suportamos uns aos outros, respeitando a liberdade do outro bem como nossa própria, vamos perceber que é possível aguentar melhor as diferenças quando juntos estabelecemos formas para cooperar em humildade no serviço aos necessitados. Recomenda-se às igrejas-membro considerarem que somos todos, de formas diferentes, fortes e fracos ao mesmo tempo. Além disso, somos chamados a atentar para a verdade do evangelho de que a cruz subverte nossas definições de fraco ou forte, na medida em que possamos usá-las em benefício próprio. Servir uns aos outros é o antídoto para o orgulho e o caminho para conviver uns com os outros em amor. Esta relação de tolerância gentil dos outros, e de reconhecimento e respeito à sua liberdade, não implica indiferença em relação à integridade, mas nos estimula a escutar e, acima de tudo, a servir. (Gl 6.2).

Para discussão

Ao respeitar o outro, reconhecemos que a liberdade implica o direito de cada um de nós a ter opinião diferente. Admitimos o direito do outro de pensar e de viver de forma diferente, mesmo quando não reconhecemos nossas próprias convicções em seu comportamento.

Isso não significa indiferença, mas uma escolha cara: cara porque sofremos quando reconhecemos a liberdade do outro de escolher outra atitude, sem esquecer as nossas próprias convicções. A capacidade de demonstrar respeito e tolerância só é possível aos que têm convicções firmes. Para a comunhão será salutar convocar fóruns para mútua correção, exortação e encorajamento.

Temas para Reflexão e Debate

1. Como comunhão de igrejas, somos chamados a respondermos uns pelos outros – *mutual accountability*. Em termos concretos, isto implica:

- estarmos abertos para receber os dons de cada um e ser enriquecidos pelas diversas tradições existentes no seio da família das igrejas luteranas, empenhando-nos por verdadeiro entendimento do outro e evitando preconceitos infundados;
- criar oportunidades para conhecimento mais profundo e direto do outro (incluindo culto, piedade, realizações artísticas, culturais e de serviço à sociedade);
- ter liberdade e espaço para pedir ao outro que explique as suas decisões;
- comprometer-se com um diálogo paciente sobre decisões tomadas pelas igrejas-membro, de maneira que as igrejas da comunhão sintam que suas vozes foram ouvidas;
- investigar e esclarecer as práticas e tradições locais, avaliando-as à luz dos princípios teológicos comuns, para que a comunhão de altar e púlpito seja reforçada em toda a comunhão.

As igrejas da comunhão são responsáveis por ponderar o impacto de suas decisões sobre a comunhão e por buscar diálogo respeitoso com outros.



2. Como comunhão de igrejas luteranas partilhamos o princípio hermenêutico da leitura de textos bíblicos a partir da sua essência: o evangelho da salvação em Jesus Cristo. Em termos concretos, isto implica:

- fomentar a busca de caminhos conjuntos para ouvir a gama de vozes das Escrituras e para fortalecer uma orientação comum sobre a Sagrada Escritura que não diminua a diversidade e o dinamismo da Palavra de Deus;
- compreender que a Palavra de Deus é transmitida em uma variedade de tradições e contextos históricos específicos;

- prover oportunidades comuns para reflexão e estudo hermenêutico críticos;
- reconhecer a importância das confissões luteranas e a relevância da sua recepção contextual.

A pluralidade de interpretação é legítima sempre que não contrarie o evangelho da salvação, a obra que Cristo fez por nós e o artigo principal da fé com o qual a igreja permanece ou cai.



3. Como comunhão de igrejas, somos chamados a atentar para a diversidade de vozes. Em termos concretos isto implica:

- proclamar a Palavra e exercer o cuidado pastoral de tal forma que viabilize a participação e a aceitação de todos;
- fortalecer o ensino e as práticas que fomentem inclusão tal como proposta no evangelho;
- crescer em sabedoria através de nossas relações ecumênicas e inter-religiosas;
- acolher o estranho também em situações que exponham nossa própria vulnerabilidade.

As igrejas se envolvam cada vez mais em formas diversas de acompanhamento e de hospitalidade. Isto é fundamental em tempos de relações tensas. O desenvolvimento da comunhão exige um aprofundamento da relação entre autonomia, tal como consta na atual constituição, e rendição de contas necessária para a comunhão.



FEDERAÇÃO
LUTERANA
MUNDIAL